

Liberalização da barra do Cávado

PESCADORES DE FÃO E ESPOSENDE SENTEM-SE MUITO PREJUDICADOS

Pescadores, vida difícil. Pescadores artesanais como os de Fão, com barcos casca-de-noz, são sensíveis à mínima agitação do mar. Por longos e difíceis meses aguardam a chegada do Verão. Entretanto, na pesca da lampreia conseguiram amealhar algo que lhes permitia a sobrevivência.

— Há quatro meses que não vou ao mar. A nossa praia é uma praia de rebentação, por isso não pode com barcos de grande calado. Têm que ser pequenos. E nós também não poderíamos comprá-los maiores. No Inverno pouco ou nada saímos de claro, não ganhamos nenhum. No Verão sempre a gente tira mais um bocadinho; tira-se para os aparelhos e para todas as despesas da pesca. Mas uma coisa é certa: a pesca do mar não nos dá o ordenado mínimo nacional.

Estas palavras são-nos ditas pelo pescador fangeiro António Carlos Soares, de 33 anos, pai de quatro filhos e tendo ainda a seu cargo quatro irmãos menores. Sente-se desalentado, triste e fortemente prejudicado pela recente «liberalização» da barra do Cávado. Ele e mais umas longas dezenas de pescadores, quer de Fão, quer de Esposende.

— Dantes estava mais certo. Havia até uma lei sobre isso. Os pescadores de Fão e de Esposende tinham chegado a um acordo que era o de fazerem a «estacada» em dias alternados. (Esclareça-se que estacada é uma rede posta a toda a largura do rio com o auxílio de estacas). Um dia «deitam» os de Fão, outro dia «deitam» os de Esposende. Sempre assim foi e a gente tem-se dado bem.

— Agora...

— Agora a barra é livre. Isto quer dizer que todo o mundo pode apanhar lamoreias. Elas, de noite, deixam-se «embodar» junto às margens e são apanhadas com facilidade. Ora isto prejudica os verdadeiros profissionais. Nós é que somos os pescadores: nós só vivemos disto e de mais nada. E até o Estado e, ao fim e ao cabo, nós, temos prejuízos a dobrar.

— Explique-se melhor...

— Nós aqui em Fão temos três «companhas» de quinze pescadores cada uma. Na semana a estacada é nossa por três dias. No dia que lhe é destinado, cada companhia deita a estacada. Entre nós não há patrão. Cada um entra com qualquer coisa e o produto da venda é dividido por todos. Só assim conseguimos equilibrar as coisas. Os pescadores de Esposende que se dedicam à lampreia são menos e por isso só têm dois dias. E quer ver os resultados? Dantes apanhavam-se de cento e cinquenta a duzentas lampreias por noite. Hoje ficam quatro, cinco, o máximo doze. Pela venda da lampreia nós pagamos imposto. Os outros, os que pescam de noite, ninguém os vê e não pagam nada. E esse dinheiro ia para a nossa Caixa. Até aí somos prejudicados.

Os responsáveis da «barra livre» terão de antemão reflectido sobre o reverso da medalha e previsto todas as consequências? Terão realmente pensado que o fácil populismo de uma medida reivindicada por um sector profissional mal definido poria em sobressafoito cerca de oitenta famílias?

Não podemos assistir indiferentes ao lento estertor de uma

classe que agoniza imparavelmente. É urgente que as autoridades marítimas de Esposende façam um recenseamento de toda a população piscatória das duas terras vizinhas. E aqueles que pretendam dedicar-se à pesca da lampreia, devem fazê-lo seguindo as regras: as lampreias só deverão apanhar-se na «estacada», tendo, porém, acesso à mesma todos os que o pretendam fazer.

ARMANDO SARAIVA